



DE VISIBILIDADES E INVISIBILIDADES: QUANTO VALE UMA VIDA?

Valeska Bernardo Rangel
IFSC

Resumo

Minha pesquisa de tese se desdobrou a partir da questão: como percebemos o outro na visualidade contemporânea, quando este se apresenta em situações distantes da nossa? Neste recorte parto de quatro cenas: os naufrágios de imigrantes no Mediterrâneo, a marcha pela volta da ditadura militar no país, os desdobramentos dos insultos proferidos pelo deputado federal Bolsonaro à deputada Maria do Rosário e por fim o ataque terrorista à sede do jornal Charlie Hebdo. Faz-se necessário pensarmos sobre estas experiências visuais de nossas vidas cotidianas para que possamos buscar perturbar nossos olhares muitas vezes ingênuos e preconceituosos em relação à alteridade.

Palavras-chave: alteridade; percepção; vulnerabilidade; visibilidade.

Abstract

My thesis research was unfolded from the question of how do we perceive the other in the contemporary visuality, when does it present itself in situations far from ours? In this cut I write from four scenes: the wreck of immigrants in the Mediterranean, the march for the return of the military dictatorship in the country, the ramifications of the insults delivered by Congressman Bolsonaro to Mrs Maria do Rosário, and finally the terrorist attack on the headquarters of the newspaper Charlie Hebdo. It is necessary to think about these visual experiences of our daily lives, so that we can seek to disrupt our eyes, often naïve and prejudiced against otherness.

Keywords: otherness; perception; vulnerability; visibility.

981

Este trabalho pretende inscrever-se em algum ponto de interconexão nos espaços entre arte, política, pensamento e afetos (CESAR, 2014).

Para isso, partirei de quatro cenas a partir de experiências visuais de nossas vidas cotidianas (MIRZOEFF, 2003). Trata-se de pensarmos a partir destes pequenos fragmentos em como percebemos a alteridade na visualidade contemporânea.

Mergulhados em um mar de imagens e informações diariamente, parece ser improvável, às vezes irônico, às vezes (tragi)cômico, lermos em pleno século XXI convocatórias para atos em diferentes partes do mundo em nome da homofobia, islamofobia, entre outras. Faz-se necessário, portanto, voltar a olhar com mais atenção para tais cenas, para estes acontecimentos visuais onde vidas são visibilizadas e invisibilizadas, como aparições que nos assombram e nos espreitam, nos comovem e nos afrontam.

1 Cena 1

No final de abril de 2015 várias notícias tomaram de assalto nossas *timelines* dando conta de que milhares de pessoas haviam morrido em naufrágios em travessias clandestinas da Líbia até a Itália, pelo mar Mediterrâneo. As autoridades europeias não



sabem o que fazer, como proceder. Existe um terrível tráfico humano por trás destes eventos. São refugiados, pessoas sem perspectiva alguma de (sobre)viver. Enquanto as autoridades se debatem para ver de quem é a responsabilidade em resgatar e acolher os sobreviventes, por outro lado, outras vozes clamam para a regulação da imigração ilegal, porque assim inclusive poderiam ser aproveitados como mão de obra (barata, é claro). Se podemos ajudar e ainda nos aproveitar, por que não? E assim vemos mais uma vez aos chamados “navios negreiros, versão 2015”. Não posso deixar de lembrar de Judith Butler, que me ajuda a pensar em quanto vale uma vida, ou melhor dizendo, que vidas valem mais que outras?

Em várias partes do mundo pessoas saíram às ruas em protesto contra os mortos no atentado ao jornal satírico francês Charlie Hebdo. Poucas, porém, protestaram pelas meninas sequestradas pelo grupo terrorista Boko Haram na Nigéria, ou pelos milhares de imigrantes mortos nas costas italianas. Nas palavras do artista chileno Alfredo Jaar, para justificar a indiferença internacional diante do genocídio ruandês ante a indiferença da mídia e organizações internacionais: - são todos negros, pobres, de uma país sem nenhum interesse geopolítico, portanto, que se explodam!

2 Cena 2

Menos de uma semana após a reeleição da presidente Dilma Houssef em outubro de 2014, uma série de manifestações públicas se espalharam por todo Brasil, convocadas por um grupo de pessoas lutando em “defesa da família e dos bons costumes”, que clamavam pela volta da ditadura militar em nosso país, e ao mesmo tempo pediam o *impeachment* da presidente.

Entre os manifestantes, alguns depoimentos beiram entre o trágico e o cômico:

Entre os cerca de 150 manifestantes que se concentram na versão carioca da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, organizada em frente à igreja da Candelária (região central do Rio), estava Sula Rangel, 63, artesã e filha de militar. Enrolada na bandeira do Brasil, ela pedia pela intervenção militar como única solução para o fim da corrupção e a ditadura comunista que, segundo afirma, já está em vigor no país. Em relação às acusações de prática de tortura pelas Forças Armadas, Sula é enfática: “Quem foi torturado mereceu. Os que morreram tinham que morrer mesmo”.¹

Que grande parcela da população esteja insatisfeita com os casos de corrupção na gestão do atual governo federal isto é perfeitamente compreensível.

¹ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/03/23/marchas-reunem-defensores-e-opositores-da-ditadura-militar.htm> . Acessado em 30/01/2015.



Mas que a solução para estas mazelas seja a volta da ditadura militar no país... é no mínimo equivocado. Falta de memória, de conhecimento histórico, de empatia pelos outros que padeceram a ditadura militar no Brasil entre 1964 e 1985, poderiam ser alguns contra-argumentos a serem considerados.

Parece inacreditável que em pleno século XXI e que ainda depois de tantas pesquisas, publicações, depoimentos, filmes sobre esta questão, que seja necessário justificar o “porquê” de que a volta da ditadura militar seria um retrocesso do país. Em um primeiro momento parece apenas irônico..., mas quando percebemos que é necessário levantar uma campanha anti-ditadura para combater estas proposições... o que parecia apenas ser uma aventura insipiente e tresloucada ganha força, adeptos, sai do mundo das fantasias e insiste em tomar de assalto a “vida real”.

E o mais instigante... Por que os que convocaram esta manifestação delegam a solução dos problemas que lhes afligem a outros (neste caso, os militares)? Por que não são eles mesmos os agentes e promotores das mudanças que estão requerendo com tanta veemência? Por que não clamam por mudanças em nosso atual sistema político-partidário, por exemplo, através dos meios legais para tal?

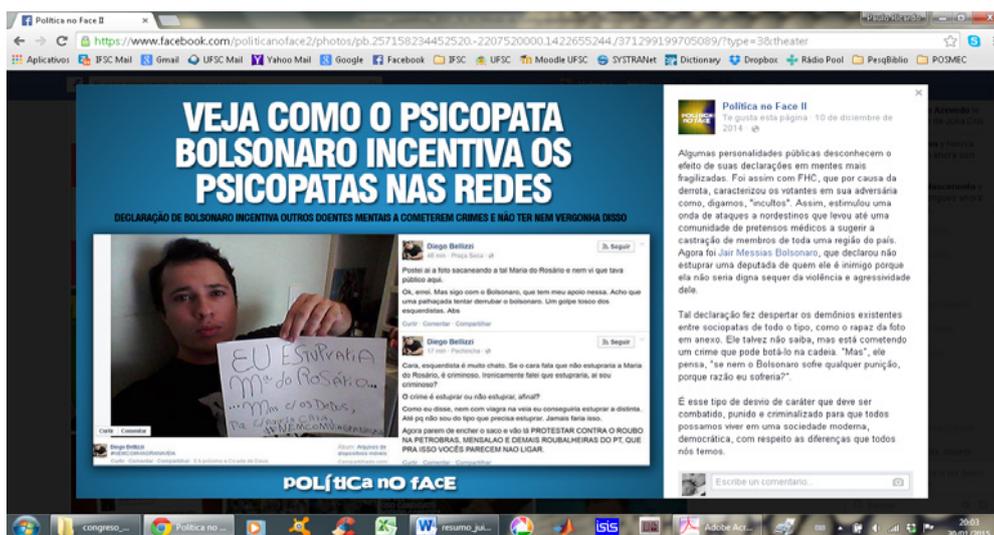
3 Cena 3

Parece ser também que algumas pessoas não sabem muito bem como posicionar-se diante de certos assuntos extremamente polêmicos. Alguns estão de acordo por convicção, outros são radicalmente contra, e outros parecem que vão “na onda” para obter os seus quinze minutos de fama.

Em outro episódio relativamente recente na história de nosso país, o deputado federal Jair Bolsonaro (parlamentar mais votado no Rio de Janeiro), insulta a também deputada Maria do Rosário afirmando: “Não lhe estupro porque você não merece”². Como se estuprar alguém fosse uma dádiva, um presente dado a quem mereça.

Seguiu-se uma avalanche de críticas, alguns pedindo inclusive a cassação de seu mandato, além de processo por quebra de decoro parlamentar. Surpreendentemente alguns jovens se uniram em defesa do referido deputado.

² Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-12-09/bolsonaro-insulta-maria-do-rosario-nao-lhe-estupro-porque-voce-nao-merece.html> . Acessado em: 30/01/2015



No cartaz que o rapaz segura, lemos:
"Eu estupraria Ma do Rosário... Mas c/ os dedos, pq c/aquela cara, #nemcomviagararaveia"³

Em uma pesquisa rápida no Google pelo nome Jair Messias Bolsonaro, a primeira palavra que aparece associada a seu nome é "presidente". O importante é emitir uma opinião, não importa qual, se for sobre um tema polêmico, fresquinho na mídia, melhor que seu comentário seja mais ferino, mais polêmico ainda, mais extremista, assim ele corre o risco de ser "curtido" e "compartilhado" mais vezes e, assim, você se tornará mais popular.

4 Cena 4

Em janeiro de 2015, quando estava trabalhando neste texto, tentando pensar sobre as crescentes ondas de xenofobia, intolerância, etc., os noticiários apresentavam a cobertura, quase em tempo real, dos ataques terroristas ao jornal Charlie Hebdo no centro de Paris, França. Imediatamente uma avalanche de manifestações invadiram a internet em várias partes do mundo entoando o mantra *Je suis Charlie*. Poucas vezes dissonantes ousaram manifestar um *Je ne suis pas Charlie*. Justificou-se o ataque entre outras coisas, porque o jornal dedicava-se a publicar charges com a figura do profeta Maomé, o que é considerado proibitivo e ofensivo pelos islâmicos radicais. Fomos invadidos também por uma sequência de imagens onde um dos terroristas mata a queima roupas um dos policiais contratados para fazer a segurança do jornal em frente ao prédio que abrigava sua sede. Como podemos nos dedicar a pensar tais eventos?

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/politicanoface2/photos/pb.257158234452520-2207520000.1422655244./371299199705089/?type=3&theater> Acessado em 30/01/2015



Ao dedicar-se ao estudo de quatro fotografias encontradas entre os destroços dos campos de Auschwitz-Birkenau, tiradas em 1944, o historiador e teórico francês Georges Didi-Huberman pondera sobre a categoria do inimaginável e de que, apesar de tudo, é necessário pensar sobre estas mesmas imagens. Além disso, nos fala também de “nosso atual malestar cultural desde la perspectiva de la imagen en la época de la imaginación desgarrada”. Como imaginar, como pensar estas imagens, estes acontecimentos tão chocantes? Onde posicionamos nossos afetos em relação a tudo isso?

Imediatez e complexidade, verdade e obscuridade. Didi-Huberman nos fala desse duplo regime de toda a imagem. Ao analisar tais imagens, o autor estabelece um paralelo ante os depoimentos dos sobreviventes do Holocausto, alegando que para muitos autores tais depoimentos seriam considerados incompletos, fragmentários, que não dariam conta de todo o horror ali vivenciado.

O autor se pergunta ainda porque existiria esta dificuldade em assumir o valor e a importância de tais imagens e não as considerar como fragmentos incompletos de uma história muito mais complexa. E nos responde justamente com a questão que me interessa aqui, neste ponto do texto:

Porque a menudo se le pide demasiado o demasiado poco a la imagen. Si le pedimos demasiado – es decir, “toda la verdad”- sufrimos una decepción: las imágenes no son más que fragmentos arrancados, restos de películas. Son, pues, inadecuadas: lo que vemos (...) es todavía demasiado poco en comparación con lo que sabemos. Estas imágenes son incluso, en cierta manera, inexactas (...). O quizás es que pedimos demasiado poco a las imágenes: al relegarlas de entrada a esfera del *simulacro* (...) o al relegarlas de entrada a la esfera del documento (...). En cualquiera de esos casos, el resultado será idéntico: el historiador tendrá la sensación de que “el sistema concentracionario no se puede ilustrar” de que las imágenes, sea cual sea su naturaleza no pueden explicar lo que ocurrió (DIDI-HUBERMAN, 2004, p. 59).

Acreditar, justificar o atentado terrorista a partir das imagens, das charges, seria “pedir demasiado” delas mesmas. É preciso ir além das imagens, além de nosso estupor inicial diante de tais eventos.

Parece ser que o choque, o assombro, a incredulidade, a raiva pelos “bandidos”, a compaixão pelos “mocinhos”, nos coloca diante de uma tela como em um videogame ou um filme policial. Seguimos acompanhando cada cena de cada novo capítulo esperando o grande desfecho: a punição final dos terroristas assassinos.

Passadas algumas horas, alguns dias, algumas semanas inclusive, as cenas do ataque à redação do jornal repetidas exaustivamente seguem o mesmo destino que as imagens da queda das torres gêmeas replicadas ao longo dos últimos quatorze



anos. O problema desta saturação, como aponta a teórica Susan Sontag em seu ensaio “Sobre a Fotografia”, está no fato de que imagens, cenas como estas, nos paralisam. Em suas palavras:

las imágenes pasman. Las imágenes anestesian. Un acontecimiento conocido mediante fotografías sin duda adquiere más realidad que si jamás se hubieran visto [...]. Pero después de una exposición repetida a las imágenes también el acontecimiento pierde realidad (SONTAG, 2008, pp.29, 30).

Em tempos de *reality shows*, é como se toda imagem, todo evento, todo acontecimento, toda tragédia, anunciada ou não, estivesse destinada, segundo Sontag, a uma espécie de “*voyeurismo crônico*” que uniformiza a significação de todos os acontecimentos. Apesar de tudo, é preciso voltar a olhá-las com atenção, olhá-las mais uma vez e sempre que necessário. Para que possamos de algum modo repensar a relação entre o *Je* e o *nous* a partir de uma política, uma poética e uma filosofia da diferença (SKLIAR, 2003).

5 *Je suis... qui sommes-nous?* A percepção da alteridade na visualidade contemporânea.

986



Manifestante em Paris lembra as vítimas dos ataques do Boko Haram na Nigéria (Foto: AFP Photo/Sai Kambou)⁴.

Algumas semanas antes do episódio do Charlie Hebdo, no dia 16 de dezembro de 2014, na Austrália, milhares de pessoas homenageavam as duas pessoas mortas em outro atentado em uma cafeteria. No mesmo dia, no Paquistão, um ataque terrorista talibã matava 126 pessoas em uma escola.

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/massacre-do-boko-haram-teve-pouca-repercussao-internacional-entenda.html> Acessado em: 13/01/2015



As duas notícias postadas lado a lado na página principal de um site de notícias brasileiro parecia dizer que ambas eram equivalentes em importância. Entre elas, porém, um abismo de incompreensão, de falta e de excesso de empatia. Para Judith Butler, “una vida que no es merecedora de ser llorada es una vida que no puede ser objeto de duelo porque nunca ha vivido, es decir, nunca ha contado como una vida en realidad” (BUTLER, 2010, p.64).

Portanto, o que significa perturbar nossos olhares diante destas imagens apesar de tudo? Faz-se necessário pensar tais acontecimentos e tais imagens escutando seus silêncios e seus esquecimentos, o que vemos e o que se invisibiliza. Sandra Carli, em seu texto “*Ver este tiempo. Las formas de lo real*”, comenta que a produção audiovisual contemporânea, em especial sobre as problemáticas sociais, estaria atada a uma suposta “legitimidad estética de lo real (en este caso: la realidad social), negando o simplificando el papel de las estrategias de construcción de lo real, desde el lado de la producción” (CARLI, 2006, p.87). Talvez aqui encontremos uma pista, ao pensarmos em algumas munições para fazer perturbar, desorientar nossos olhares: visibilizar estas estratégias de construção do real. Já pelo lado da recepção, Carli destaca que:

El espectador queda colocado en una situación pasiva de contemplación de lo real, contemplación en muchos casos obscena en la que no es posible reflexionar sobre las formas de lo real, quedando eliminada toda experiencia de conocimiento que se enfrente al carácter a la vez cercano y desconocido (enigmático) de los fenómenos que nos rodean, de los hechos, de los sujetos individuales y colectivos (CARLI, 2006, p.87).



Outra questão necessária a ser pensada a partir dos pressupostos da filosofia da diferença, seria tentar fugir das promessas de soluções conciliadoras e inclusivas. É preciso pensar para além dessas lógicas binárias entre exclusão X inclusão, eu X outro, nós X eles.

Aventurar-se a pensar e a sentir de outros modos nossa relação com o outro, voltar a olhar bem aquilo que nunca olhamos ou olhamos desapaixonadamente, são os convites que nos faz Carlos Skliar (2003). Neste mesmo sentido, seria importante ainda repensarmos o politicamente correto. Repensarmos as imagens e os sentidos que nós, a mesmidade, construímos sobre os outros. Além disso o autor nos coloca outra questão:

E onde fica o outro irreduzível, misterioso, inominável, nem incluído, nem excluído, que não é regido pela nossa autorização, nem pelo nosso respeito, nem por nossa tolerância, nem pelo nosso reconhecimento para ser aquilo que já é e/ou aquilo que está sendo e/ou aquilo que poderá ser? E onde fica, além de tudo, a relação deles com os outros – não só conosco, não só entre eles? (SKLIAR, 2003, p.23).

Nestas relações com o outro, a outredade, não basta em simplesmente “tolerar”, “respeitar”, “aceitar” o outro, o negro, o índio, o mulçumano, etc. Para Tomaz Tadeu da Silva, é preciso antes explicar como essa alteridade é ativamente produzida (SILVA, 2014, pp.99,100). Para tanto uma estratégia importante a ser adotada passaria por revisar o chamado mito da consciência cultural, apontado por Duschatzky e Skliar (2001), que supõe que “todos os negros vivem a negritude do mesmo modo, que os mulçumanos experimentam uma única forma cultural, que as mulheres vivem o gênero de forma idêntica”. Precisamos compreender como esta alteridade é construída como tal, afinal as identidades são móveis, transculturais, plurais, revisando assim também o chamado “mito da consistência interna” apontada por estes mesmos autores.

Em qual “caixinha” colocaríamos uma mulher negra, executiva de uma grande empresa? Ou um homem branco, pobre e gay? Como nossos olhares são irrompidos por estas diferenças? O problema reside justamente aí, não em pensarmos os outros como sendo “mais do mesmo”. Para a mesmidade os outros são sempre “os negros”, “os mulçumanos”, “os nordestinos”, como identidades fixas. Assim fica mais fácil capturá-los, classificá-los e incorporá-los em nossos territórios de tolerância politicamente corretos. E quando estes blocos fixos explodem em mil cruzamentos identitários? Como nos situamos ante este outro que não é “o mesmo”, mas é múltiplo?



Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. **Marcos de guerra**. Las vidas lloradas. Buenos Aires: Paidós, 2010.

CARLI, Sandra. Ver este tiempo. Las formas de lo real. In: DUSSEL, Inés. (comp.) **Educación la mirada**: políticas y pedagogías de la imagen. Buenos Aires. Manantial, FLACSO/OSDE, 2006, p. 85-95.

CESAR, Marisa Flório. **Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imágenes pese a todo**. Memoria Visual del Holocausto. Barcelona: Paidós, 2004.

DUSCHATZKY, Silvia e SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. (orgs.) **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 19-138.

MIRZOEFF, Nicholas. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 73-102.

SONTAG, S. **Sobre la fotografía**. Barcelona: De Bolsillo, 2008.

Minicurrículo

Valeska é professora do Curso Superior de Tecnologia em Design de Produto no Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC). Possui graduação em Educação Artística - Artes Plásticas, pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 1997). Pós-graduação em Arte Contemporânea (UDESC, 1999). Mestrado em Educação e Cultura (UDESC, 2006). Diploma de Estudios Avanzados (Universitat de Barcelona, 2008). Doutora pelo programa Artes y Educación (Universitat de Barcelona, 2016). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em ensino de Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Arte e do Design, Metodologia Visual e Desenho.